

Os desafios educacionais da Geração Z: relato de experiência na educação básica

Educational challenges of Generation Z: an experience report in basic education

Desafíos educativos de la Generación Z: relato de experiencia en la educación básica

Edvânia Gomes de Araujo Silva¹

<https://doi.org/10.70678/sala8.v1i12.2234>

Relato de experiência

Linha de pesquisa: Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) em Educação Presencial e a Distância.

RESUMO

Este relato de experiência analisa desafios educacionais relacionados à Geração Z no contexto da educação básica, considerando a presença das tecnologias digitais, as mudanças nas formas de comunicação e aprendizagem e os efeitos do período pandêmico sobre a vida escolar. A experiência ocorreu em uma escola pública de Pernambuco, com participação de professores e estudantes do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio. Foram utilizadas entrevistas, conversas informais e observações de práticas pedagógicas. Os registros indicaram dificuldades de concentração, sobrecarga de informações, ansiedade, resistência a práticas exclusivamente expositivas e necessidade de maior articulação entre competências digitais e socioemocionais. Conclui-se que metodologias ativas, mediação docente e uso crítico das tecnologias podem favorecer aprendizagens mais significativas.

Palavras-chave: Geração Z. Educação. Tecnologias digitais.

ABSTRACT

This experience report analyzes educational challenges related to Generation Z in basic education, considering the presence of digital technologies, changes in communication and learning, and the effects of the pandemic period on school life. The experience took place in a public school in Pernambuco, Brazil, with teachers and students from lower secondary and upper secondary education. Interviews, informal conversations, and classroom observations were used. The records indicated concentration difficulties, information overload, anxiety, resistance to exclusively lecture-based practices, and the need to connect

¹ Tacaratu, Pernambuco, Brasil. Professora da Educação Básica; graduada em Letras e Educação Especial; especialista em EJA, Língua Portuguesa, Coordenação Pedagógica, AEE e Gestão e Administração Escolar; mestranda em Educação. Área de atuação: Educação. E-mail: gomesedvania27@gmail.com. o presente trabalho foi aprovado e apresentado no IV Congresso Internacional em Políticas, Práticas e Gestão da Educação (2025).

digital and socio-emotional competencies. It is concluded that active methodologies, teacher mediation, and the critical use of technologies can contribute to more meaningful learning.

Keywords: Generation Z. Education. Digital technologies.

RESUMEN

Este relato de experiencia analiza desafíos educativos relacionados con la Generación Z en la educación básica, considerando la presencia de tecnologías digitales, los cambios en las formas de comunicación y aprendizaje y los efectos del período pandémico en la vida escolar. La experiencia se desarrolló en una escuela pública de Pernambuco, Brasil, con docentes y estudiantes de educación secundaria. Se utilizaron entrevistas, conversaciones informales y observaciones de prácticas pedagógicas. Los registros señalaron dificultades de concentración, sobrecarga de información, ansiedad, resistencia a prácticas exclusivamente expositivas y necesidad de articular competencias digitales y socioemocionales. Se concluye que las metodologías activas, la mediación docente y el uso crítico de las tecnologías pueden favorecer aprendizajes más significativos.

Palabras clave: Generación Z. Educación. Tecnologías digitales.

1 INTRODUÇÃO

A chamada Geração Z é geralmente associada aos sujeitos que cresceram em um ambiente marcado pela expansão da internet, dos dispositivos móveis e das redes sociais. Mais do que estabelecer uma fronteira etária rígida, interessa, neste relato, compreender como determinadas experiências de conectividade, velocidade de acesso à informação e comunicação multimodal repercutem no cotidiano escolar. Essas transformações desafiam práticas pedagógicas centradas exclusivamente na exposição oral e na transmissão de conteúdos, ao mesmo tempo que ampliam possibilidades de autoria, colaboração, pesquisa e produção de conhecimento.

O problema que orientou a experiência foi a percepção, no cotidiano escolar, de que parte dos estudantes apresentava dificuldades para manter a atenção em atividades longas e pouco interativas, ao mesmo tempo que demonstrava familiaridade com recursos digitais. O cenário foi agravado pelos efeitos educacionais e sociais da pandemia de COVID-19, período que evidenciou desigualdades de acesso, interrupções de rotinas de estudo e diferentes necessidades de acolhimento no retorno às atividades presenciais.

1.1 Contextualização, objetivos e relevância do estudo

Nesse contexto, a escola é convocada a articular inovação pedagógica, inclusão digital e formação humana. A incorporação de tecnologias, por si só, não garante

aprendizagem: é necessário definir intencionalidades, selecionar estratégias adequadas e criar situações em que o estudante possa investigar, argumentar, produzir, colaborar e refletir sobre as informações às quais tem acesso.

O objetivo geral deste relato é analisar desafios observados no processo de ensino e aprendizagem de estudantes da Geração Z em uma escola pública de educação básica. Como objetivos específicos, busca-se: identificar dificuldades percebidas por professores e estudantes; refletir sobre possibilidades de uso pedagógico das tecnologias digitais; e discutir a contribuição de metodologias ativas e de práticas de acolhimento para a participação e a aprendizagem.

A relevância da experiência está em aproximar a discussão teórica das situações concretas vivenciadas na escola. O foco não é atribuir características homogêneas a todos os jovens, mas reconhecer tendências e desafios que aparecem em determinado contexto e que precisam ser interpretados à luz das condições sociais, pedagógicas e tecnológicas de cada comunidade escolar.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Geração Z, cultura digital e aprendizagem

A presença cotidiana de plataformas digitais, vídeos curtos, redes sociais, jogos e mecanismos de busca altera ritmos de comunicação e formas de acesso à informação. No espaço escolar, esse repertório pode ser mobilizado para ampliar linguagens e estratégias de aprendizagem, desde que acompanhado por mediação docente, critérios de confiabilidade e objetivos pedagógicos claros.

Moran (2018) destaca que metodologias ativas podem favorecer maior participação dos estudantes quando organizam situações de aprendizagem baseadas em problemas, projetos, investigação, colaboração e produção. Estratégias como aprendizagem baseada em projetos, sala de aula invertida e atividades gamificadas não devem ser tratadas como soluções automáticas, mas como possibilidades que exigem planejamento, acompanhamento e avaliação coerentes com os objetivos de aprendizagem.

2.2 Equilíbrio entre conectividade, atenção e convivência

A intensa exposição a ambientes digitais também exige atenção aos limites do uso das tecnologias. Twenge (2017), ao discutir mudanças geracionais associadas à popularização dos smartphones, chama atenção para relações possíveis entre padrões intensivos de uso de telas, bem-estar e sociabilidade. No contexto escolar observado, professores relataram dificuldade de concentração em atividades prolongadas, necessidade frequente de estímulos e expectativa de respostas rápidas.

Esses aspectos não autorizam generalizações nem explicações causais simplistas. O desempenho escolar resulta de múltiplos fatores, entre eles condições socioeconômicas, organização familiar, trajetórias escolares, práticas pedagógicas e acesso a recursos. Por isso, o uso de tecnologias precisa ser equilibrado com leitura aprofundada, diálogo presencial, produção escrita, resolução de problemas, atividades colaborativas e momentos de reflexão.

A perspectiva de formação integral também demanda atenção às dimensões humanas do processo educativo. Delors et al. (1998) propõem uma educação articulada a aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. Esses eixos ajudam a compreender que o desenvolvimento de competências digitais deve caminhar junto com autonomia, convivência, responsabilidade e participação social.

2.3 Mediação docente e formação crítica

A contribuição de Freire (2021) permite compreender o ensino como prática dialógica, na qual o estudante não ocupa uma posição meramente passiva. A aprendizagem ganha sentido quando os sujeitos podem relacionar o conhecimento à realidade, formular perguntas e participar da construção de interpretações. Nessa direção, o professor continua sendo essencial: sua função se amplia para incluir curadoria de fontes, organização de experiências de aprendizagem, acompanhamento, problematização e avaliação.

Para trabalhar com estudantes inseridos na cultura digital, a formação docente precisa contemplar tanto o domínio pedagógico das ferramentas quanto a reflexão ética sobre privacidade, autoria, desinformação, exposição excessiva e relações nas redes. O objetivo não é substituir práticas consolidadas, mas combinar recursos e linguagens de acordo com as necessidades da turma e com a natureza do conhecimento trabalhado.

3 METODOLOGIA

O trabalho caracteriza-se como relato de experiência com abordagem qualitativa. A experiência foi realizada na rede pública de ensino, na Escola de Referência em Ensino Fundamental II, EJA e Ensino Médio - EREFEM Icó Mandantes, localizada na zona rural do município de Petrolândia, Pernambuco. Participaram cinco professores e dez alunos do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio, que demonstraram interesse em contribuir com a experiência.

A produção dos registros ocorreu por meio de entrevistas, conversas informais com professores e estudantes e observações em sala de aula. As observações buscaram identificar formas de participação dos estudantes, dificuldades relatadas, estratégias docentes e situações em que recursos ou metodologias ativas eram utilizados. Os registros foram organizados por temas recorrentes, possibilitando uma leitura qualitativa dos principais desafios e das alternativas pedagógicas percebidas.

A experiência teve caráter pedagógico e descritivo, sem pretensão de produzir generalizações estatísticas. As informações apresentadas neste relato foram organizadas de modo a preservar a identidade dos participantes. A participação foi voluntária e os dados são apresentados de forma agregada, sem identificação individual.

Como limite, destaca-se o número reduzido de participantes e o fato de a experiência estar circunscrita a uma única unidade escolar. Assim, os resultados devem ser compreendidos como indícios de um contexto específico e como subsídios para reflexão pedagógica, e não como retrato universal da Geração Z.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos registros evidenciou quatro eixos recorrentes: atenção e ritmo de aprendizagem; relação com tecnologias digitais; necessidade de participação e personalização; e articulação entre competências acadêmicas e socioemocionais. Professores e estudantes mencionaram que atividades exclusivamente expositivas, quando prolongadas, tendiam a gerar menor engajamento, especialmente quando não havia conexão clara entre o conteúdo e situações concretas.

Em contrapartida, propostas que incluíam pesquisa orientada, produção em grupo, resolução de problemas, apresentação de resultados e uso planejado de recursos

digitais favoreciam maior participação. Esse achado dialoga com Moran (2018), para quem a aprendizagem ativa envolve o estudante em processos de decisão, investigação e criação, sem retirar do professor a responsabilidade pela orientação pedagógica.

4.1 Implicações pedagógicas dos resultados

Outro aspecto observado foi a necessidade de trabalhar criticamente a relação com a informação. A facilidade de acesso não corresponde, necessariamente, à capacidade de selecionar fontes, comparar versões, reconhecer desinformação ou sustentar argumentos. Por isso, práticas de leitura crítica, checagem de informações e produção autoral mostraram-se relevantes para transformar o uso cotidiano das tecnologias em aprendizagem escolar.

Os registros também indicaram manifestações de ansiedade, pressão por resultados imediatos e dificuldades de concentração. Tais elementos foram tratados com cautela, sem estabelecer diagnósticos ou atribuir causalidade exclusiva às tecnologias. Pedagogicamente, a experiência reforçou a importância de rotinas claras, objetivos explícitos, atividades com etapas definidas, devolutivas frequentes e espaços de escuta.

A convivência e a colaboração apareceram como dimensões igualmente importantes. A escola precisa favorecer situações em que os estudantes aprendam a argumentar, ouvir, negociar sentidos e produzir coletivamente. Nesse ponto, os quatro pilares apresentados por Delors et al. (1998) contribuem para pensar uma educação que ultrapasse a aquisição de conteúdos e contemple também o aprender a viver juntos e o aprender a ser.

Os dados da experiência sugerem, portanto, que o desafio não consiste em escolher entre ensino tradicional e tecnologia, mas em construir combinações pedagógicas coerentes. Exposição dialogada, leitura, escrita, projetos, recursos audiovisuais, atividades práticas e tecnologias digitais podem coexistir quando cada estratégia responde a uma finalidade de aprendizagem.

Também se evidenciou a importância da parceria entre escola e famílias. Orientações sobre rotina de estudos, uso responsável de dispositivos, organização do tempo e acompanhamento das atividades podem contribuir para reduzir conflitos e

fortalecer a autonomia dos estudantes. Essa parceria precisa ser construída por meio do diálogo, respeitando as diferentes condições de acesso e os contextos familiares.

4.2 Registro fotográfico da experiência

Figura 1 - Aplicação de questionário em sala de aula.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Figura 2 - Apresentação de resultados da experiência.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Figura 3 - Apresentação de resultados da experiência.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Figura 4 - Apresentação do trabalho no IV Congresso Internacional em Políticas, Práticas e Gestão da Educação, UPE - Campus Garanhuns.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Figura 5 - Apresentação do trabalho no IV Congresso Internacional em Políticas, Práticas e Gestão da Educação, UPE - Campus Garanhuns.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

5 CONCLUSÃO

A experiência permitiu compreender que os desafios educacionais associados à Geração Z não podem ser reduzidos ao uso de celulares ou às redes sociais. Eles envolvem mudanças culturais mais amplas, desigualdades de acesso, ritmos de comunicação, expectativas em relação à escola, necessidades de acolhimento e novas exigências para o trabalho docente.

Conclui-se que a inserção de tecnologias deve estar subordinada a objetivos pedagógicos e acompanhada de mediação crítica. Metodologias ativas podem ampliar o protagonismo e a participação, mas precisam ser planejadas de modo inclusivo e articuladas a práticas de leitura, escrita, diálogo, convivência e reflexão.

5.1 Considerações finais e perspectivas

A formação continuada dos professores constitui condição importante para que as tecnologias sejam utilizadas com segurança, intencionalidade e criatividade. Da mesma forma, a escola precisa fortalecer estratégias de inclusão digital e de acompanhamento pedagógico, evitando que diferenças de acesso se convertam em novas barreiras à aprendizagem.

Por fim, o relato reforça que educar estudantes inseridos na cultura digital exige equilíbrio: inovação sem abandonar a profundidade; conectividade sem perder a convivência; rapidez sem dispensar a reflexão; e protagonismo discente sem reduzir a importância da mediação docente. Novas experiências, com maior número de participantes e acompanhamento por períodos mais longos, poderão aprofundar a compreensão dessas relações.

Referências

DELORS, Jacques; AL MUFTI, In'am; AMAGI, Isao; CARNEIRO, Roberto; CHUNG, Fay; GEREMEK, Bronislaw; GORHAM, William; KORNHAUSER, Aleksandra; MANLEY, Michael; PADRÓN QUERO, Marisela; SAVANÉ, Marie-Angélique; SINGH, Karan; STAVENHAGEN, Rodolfo; SUHR, Myong Won; ZHOU, Nanzhao. *Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC/UNESCO, 1998.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 78. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Porto Alegre: Penso, 2018. p. 35-76.

TWENGE, Jean M. *iGen: why today's super-connected kids are growing up less rebellious, more tolerant, less happy - and completely unprepared for adulthood*. New York: Atria Books, 2017.

NOTA: Os autores foram responsáveis pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final publicada.

Submetido em: 2025

Aceito em: 2026

Publicado em: 2026